

O CANTO do cerrado

Vocalista do grupo Pegada Black carrega o Cruzeiro nos tons da memória e saúda a cidade como canteiro de criações artísticas

JORGE DE CASTRO

DA EQUIPE DO CORREIO

ONDE NASCEU

Hospital das Forças Armadas (HFA)

ORIGEM FAMILIAR:

Pai carioca, mãe paulista

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA:

Melhor lembrança da infância — “Andar de bicicleta pelo bairro e pelo mato, onde hoje existe o Sudoeste e o Setor de Inflamáveis”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:

“Esse caráter babel. A mistura de culturas. Um dia eu vou à casa de um amigo e como comida paraibana. Outro dia, vou a casa de outro e a refeição é baiana”

N o começo, as batucadas eram apenas uma das várias brincadeiras de infância. Hoje, com 27 anos, a música é o ganha-pão do cantor brasiliense Edgar Lacerda dos Santos. Nascido no Hospital das Forças Armadas (HFA), o vocalista passou boa parte da vida no Cruzeiro. O pai, José Jorge dos Santos, 50 anos, militar, veio para a cidade com 17 anos, transferido do Rio de Janeiro, quando Brasília era uma recém-nascida. A mãe, Margareth Lacerda dos Santos, 49 anos, é de São Paulo. O avô materno de Edgar chegou à cidade no dia da inauguração da capital. “Ele foi um dos pioneiros do Cruzeiro”, orgulha-se o vocalista da banda Pegada Black.

Os pais de Edgar se conheceram em um grupo jovem de uma igreja. “Brasília é a cidade dos encontros”, sentencia. A relação de Edgar com o Cruzeiro é forte. Ele chegou a morar na Asa Norte, no Paranoá e em Valparaíso. Nesse meio tempo, foi casado por cinco anos, teve um filho e se separou. Hoje, mora com a mãe no apartamento onde o pai vivia quando conheceu a futura mulher, no Cruzeiro.

Mesmo distante do Cruzeiro por alguns períodos, Edgar não esqueceu dos amigos do bairro. “No tempo que eu morei na Asa Norte, eu estudava no Cruzeiro”, lembra. Depois de quatro anos como “intruso” no Plano Piloto, a família de Edgar voltou para o bairro que abrigou boa parte da comunidade carioca que vinha para Brasília na década de 1960.

As lembranças do brasiliense sobre aquela época têm a cor da terra. “Havia muito barro, a terra era vermelha. Tinha muitas aves de rapina. Não havia grades nos blocos. Hoje, os prédios são todos fechados e as aves só aparecem em determinadas épocas”, afirma.

Naquela imensidão de mato, a bicicleta era o brinquedo mais divertido para desbravar as regiões em que estão hoje o Sudoeste e o Setor de Inflamáveis. “Havia vários morrinhos de areia para saltar. Chamávamos de toboga”, recorda. Dentro de casa, as aventuras das pedaladas davam lugar às notas musicais, influenciado pelos pais. “Meu pai tinha muitos discos. Crescemos escutando todo o tipo de som”, recorda o rapaz de cabelo rastafari e amante também do reggae.

Memórias

As melodias dos antigos LPs, os bolachões, fizeram que ele e o irmão mais velho freqüentassem o projeto Canta Gavião, que teve seu auge no final da década de 1970 e meados da década de 1980. “Os Paralamas do Sucesso, o Aborto Elétrico, a Cássia Eller, todos eles já tocaram por lá.” Nas recordações do cantor, pelo menos uma vez por mês, as ruas do

Wenderson Araújo/Especial para o CB



EDGAR LACERDA, VOCALISTA DE UMA BANDA DO CRUZEIRO: DEPOIS DE MORAR EM TRÊS LUGARES, VOLTOU AO BAIRRO NATAL

Cruzeiro ficavam cheias de pessoas para escutar as músicas. Hoje, Edgar lamenta. As apresentações foram reduzidas a uma vez por ano e os shows não são valorizados.

Para o cantor, ser músico em Brasília é difícil. Mesmo assim, ele procura integrar a comunidade que o abraçou em um projeto de iniciação rítmica para a população. As aulas acontecem às terças-feiras, das 19h às 22h, na Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro. “Qualquer um pode participar, desde criança até idosos”, diz. Nas aulas, os aprendizes têm a oportunidade de dar as primeiras batucadas. O objetivo, segundo ele, não é formar percussionistas, mas fazer com que a comunidade do bairro, principalmente as crianças, interaja e trabalhe pela cidade. “Quando era moleque, eu conhecia todo mundo, de todas as quadras. Hoje, os garotos nem saem na rua”, lamenta.

Na adolescência, ele iniciou-se na política. Presidente

do grêmio do colégio Caseb, organizou várias manifestações durante o impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. “Famos todos os dias para a Esplanada até o dia que ele renunciou”, lembra. O engajamento político parou por ali. Nos planos dele estava o vôlei. Antes de completar 18 anos, chegou a defender Brasília nos campeonatos brasileiros. “Quando vi meus pupilos ficando mais altos do que eu, resolvi parar”, brinca o jovem de 1m80.

A partir daí, a música tomou espaço definitivo. E foi ela que o fez conhecer o Distrito Federal. Tocando ou participando de projetos culturais nas cidades satélites, ele conheceu a realidade e a falta de eventos culturais. “O mais interessante é a carência daquelas pessoas quando uma banda aparece. A felicidade é geral.” Para ele, é lamentável que os ritmos musicais não chegam às cidades mais afastadas.